

*Rebento, substantivo abstrato,
O ato, a criação, o seu momento,
Como uma estrela nova e seu barato
Que só Deus sabe lá, no firmamento.*

Gilberto Gil

criação

LITERÁRIA



*... versos não se escrevem para a leitura de
olhos mudos. Versos cantam-se, urram-se
choram-se. Quem não souber cantar não leia.*

Mário de Andrade

ÂNGELA VILMA *

CACOS DE VIDRO

O meu passado são cacos
de vidro no asfalto
Rastros que o sol ilumina
no ato do meu passo
Mastros estendidos no alto
das montanhas em que
avisto

- O meu passado são riscos
do presente
vistos do futuro

* Nasceu em Andaraí (BA), em 10 de novembro de 1967. Publicou, em 1990, o livro de poesias *Beira-Vida*.

O BEM MAIOR

O bem maior de nosso mal
era doce como o sal
do suor que traz o sol
caindo nas plantações

Nossas ilusões
vinham de colheitas abertas
como seitas escolhidas

Trazíamos a missão de viver
como algo que não fosse
Tal qual foice no mato
arado na aridez de ser.

AUTÓPSIA DA PALAVRA

Quero a autópsia da Palavra
O abrir dos seus vértices,
suas entranhas,
Suas estranhas profundezas.
O intestino nu e as belezas
da anatomia.

Quero ver o que tem lá dentro,
em pleno dia exterior.
Lá dentro, onde o calor é intenso
Onde se esconde o que penso.

CONFLUÊNCIA

Ó Vida
Trazes o cio
da natureza
na profusão
da água

Na confluência
de nossos rios
reproduzo
minha alma
em cada gota.

ANNE CERQUEIRA*

ONDE

Borboletas azuis
na sala onde escrevo
no lugar onde vivo,
nos livros, nos dedos.
Deixam seus rastros
de um azulado sinistro
no lugar onde calo,
na sala onde insisto.

* Feirense, estudante de Letras da UEFS. Vencedora do I Concurso Livre de Poesias - III Feirarte, em 1991. Publicou *Rua dos espelhos* (poemas em prosa).

INTERIOR

Todo o sol se esconde atrás das trevas
do meu descompassado coração.
E é frio o silêncio que te leva
através de uma névoa-solidão.

Varam as rotas fibras dos varais
a aragem desta estrada, o tempo em vão.
E em nossa cidade ainda neva...
Sei que ainda neva, e é verão.

POEMA

Já é muito tarde
e todos nós sabemos
da poeira nos móveis
e das traças nos mapas.

Irmã, perdemos a viagem
e por mais que se faça
aqui estamos:
fartos.

(Inutilmente fartos
como as traças).

REMINISCÊNCIAS

Reparto com as borboletas
lugar nas prateleiras
devassadas pelo tempo.
(Futuro vou construindo
com a música que vem vindo:
desencanto, desalento).

ANTÔNIO MARCELO***A DEMOCRACIA DO SUBSOLO (O PRATO DOS VERMES)**

Esqueçam que estou vivo!
Batam a porta e...
É dor, é ódio, é mágoa!
A cadeira já está com defeito em suas rodas,
O espelho está muito no alto
Também de que serviria se estivesse
No meu microscópio?
A lente, não tem mãos que a limpem,

Andem, saiam daqui todos!
Por favor, saiam!
Não quero ver os seus rostos,
Como posso deixar beijar as minhas mãos?

Pronto, lá foram eles
Os desgraçados, os ditadores
Os lamacentos de palavras encardidas,
A cantiga triste, o álbum de sorrisos eternos,
O choro no colo, os meus ex-espermatozóides.

* ANTONIO Bispo MARCELO Neto nasceu em 4/4/1967 na cidade de Jequié(BA). Integra o Grupo Cultural Metamorfista e hoje reside em Feira de Santana, onde cursa o 8º semestre da licenciatura em História.

Céus, onde está o meu caixão!?
Preciso urinar nas calças
Passar as unhas nas paredes
Fazer uma caricatura no meu semblante
Reescrever a minha cena
A noite está chegando
Ninguém irá ver o espetáculo
Da voz evaporando,
Do corpo diminuindo o passo
Do coração se asfixiando,
Do laço transplantado pro nó,
Do vinho amargo, da taça despedaçada,
Das fezes frescas
No fundo do fundo do mundo
Do ânus do homem nu...
Voltem filhos, voltem!... vol...

A VALSA DO HOMEM ESTILHAÇO

Lá se foram os anos
Deixando meus dedos escorregadios
Deslizarem nos panos podres
Dos meus sonhos mais profanos.

Lá se foi a vida
As fraldas guardadas com o berço
E o meu sorriso no rosto enrugado...

Agora, o corpo sem vento
Não soluça mais
Em lágrimas desarrumadas pelos cantos.

Sim! mas como eu preciso
Juntar as partes
Da minha imagem retorcida
E desafiar a dor e a alegria do reencontro,
Desempoeirando o retrato do presente
Enfocado no mármore do cemitério,
E ferido,
Mas com um passado contente,
Dar um beijo emocionado na alma de meu filho.

A CARICATURA DE UM MOMENTO

Estancou-se a febre dos Beatles
 Que jogara no varal de 60
 Os soutiens e as calcinhas "douradas"
 Abandonadas pela aurora efervescente de um tempo
 Que lambuzara a boca antropofágica do comporta-
 mento
 Roedora de Kafka:
 Missionário do rosto deformado por rato
 Que engolira o arrote
 Na tentativa bíblica de decaicar o absurdo
 Esboçado na lixeira viva
 De um verme humanizado.
 O pássaro de ferro pousou na lua
 Não encontrando nenhum cavalo santificado,
 Parindo os neomandamentos na tela
 Na visão
 Adubada por uma nova marca
 Do erro do apóstolo Pedro
 Dos corpos carbonizados por mísseis teleguiados.

A humanidade agora está engastalhada
 Na vagina metamorfoseante da idéia,
 Da palavra grávida,
 Com os pés para fora
 Ou expondo seu cérebro de gelo no Saara

Formando minúsculas poças d'água
Que o visor do futuro irá tomá-la
E encontrar uma nova bússula
E esculpir um novo homem
Que mesmo sem ser cria do pó
Encontra-se tomado em cinzas
Envolvido no aborto dos paradigmas
Alavancados nas muralhas do século
Que por hora minam
Em lavas crematórias de interrogações,
De sonho que não se extermina
Mas que necessita de uma nova mina
De um novo poço de utopia
Donde os homens buscarão se abastecer
E digladiarem-se numa outra esfera de vida
De tempo, de guia.

FRANKLIN MAXADO*

ARCO-ÍRIS ÍNTIMO

muda na parede,
todos acham aquela pintura
esbranquiçada!

mas, numa visita com pressa,
juro que a enxerguei
avermelhada!

em outra oportunidade,
olhei-a e mirei-a detidamente
e tive a certeza de que ela
não era alva!

enraivecido, voltei outro dia
àquele museu.
e o quadro, pasmem!
estava violeta!

* Natural de Feira de Santana (BA), 15/3/1943. Dirige a Casa do Sertão. Autor dos livros: *Profissão de poeta, O que é literatura de cordel?*, *Álbum de Feira de Santana*. Tem publicados quase 200 folhetos de cordel.

pensei estar doido
(mas louco consciente),
o mistério da obra
me atraía e voltei lá de novo:
ela agora era alaranjada!

comecei então a me acostumar
com a magia do pintor.
e, em outra visita de curiosidade,
deparei-me com a sua
amarelidão!

não era mais surpresa para mim
a sua constante mutação cromática.
já seduzido ou enfeitado,
levei uma máquina fotográfica
para documentar qual a sua
cor real.
não é que a revelação
saiu verde!

conformado com o fenômeno,
fui rever o quadro mais uma vez
aí, senti que ele era
de um azul brilhante!

só assim percebi
uma luz interior
dentro de mim.

AO SERTANEJO EURICO ALVES

poeta! estou arremedando teu canto
aliás, o teu aboio de vaqueiro
suado pelas caatingas em flor.
mas, que caatingas?

se tudo já é prédio e cidade,
todavia, me levo às trilhas
do meu ser e pensar
com sentimentos de juventude
quando a noite do sertão
tinha estrelas!

se ninguém se perde na volta,
entretanto, não se encontra
mais no que deixou.
o tempo gira!

já é passado os loucos amores
de desafiar convenções e preconceitos.
tento apenas purgar meus males.
pagar pecados cometidos
ou que deixei de cometer.

desiludido com o real,
devastado de florestas e de animais,
o meu cordel não é mais pregão.
seu desencanto é um desaboio,
um canto fúnebre

que não consegue nem reunir
o gado no pastoreio,
(paisagem erodida para Juraci Dórea,
outro sertanejo,
cantar em tintas sem cores).

e, eu estou só,
cercado somente de gente
no meu sertão!

vivendo até os padecimentos
mesmos da poluição.
acho a minha perda
pelos caminhos das vitórias
nas várias batalhas que enfrentei.
nunca quis engordar saboreando-as.

sou um Pirro pirraçado.
fui tudo o imaginado.
o que me resta de corpo,
tapeio-o, procurando viver
no meio da cultura
(tão alienada!)
dos meus patrícios.
perto do Cemitério Piedade
para não dar muito trabalho
à família e aos amigos
mais chegados
quando os meus sonhos
me abandonarem
e eu partir em busca do nada.

JECI*

LÍRICO SIM E SIM

O lirismo puro urge que se assuma
Falado, escrito, sentido nos vocábulos
Na língua transcrito
Metamorfosar-se? E porque não?
Na borboleta há sempre algo da lagarta
E um fio do casulo que rompemos
Se emaranha em nossos cabelos
E se não o deixarmos sair
Um dia então
Dá um nó em nosso cérebro
Fere, mata e põe por terra
O muro que teimamos em construir
Em torno de nossas cabeças radicais.

* Jecilma dos Santos Alves nasceu em Feira de Santana (8/4/1971). Aluna do curso de Letras (UEFS). Participou do livro *A Poesia da Universidade*. (I Concurso de Poesia dos Estudantes da UEFS-89).

RETRATO POLARÓIDE

O homem observa cautelosamente
Uma tímida aranha a tecer sua teia

E uma pequena nota publicada
No jornal jogado em um canto qualquer
do quarto

Diz que naquele país distante
Homens sem rosto e sem nome
Estendem seus corpos pelo chão.

EGOCÊNTRICA

É preciso que me dêem o mundo
Em uma bandeja de prata
Para que eu possa crer
Em palavras abstratas
Intacta teoria
Por vezes tão vazia
Por outras não.

É preciso que me joguem
A vida aos pés
Pois tenho sede de ter
E fome de ser
Meu ego tão profundo,
Possuir todos os mundos
Meu mundo, seu mundo
Onde tudo é meu

É preciso que me tragam
A estrela mais distante
Ser onipotente, onipresente,
Oni-sei-lá-o-que
E afastar assim o medo do fim
Possuir o céu, a lua, o sol
Sendo tão eu
Sendo tão só.

ORIGINALMENTE HUMANO

Estive nas cavernas
Com os macacos
Descobri o fogo, inventei a roda
Aprendi a usar as mãos
Os pés, o cérebro. Evolução.
Sou filho de Adão e Eva
Expulsos do paraíso
Pecado, castigo, vida
Também peregrinei
Na terra prometida
Hoje sou princesa moura
Nos castelos medievais
Onde arqueiros se combatem
E uma flecha perdida
Fere meu peito real:
Acertou-me o coração
Bastou isso e... nunca mais.

LUIS ROGÉRIO*

**OS ÍNDIOS QUE SOMOS ESTÃO DORMINDO, JUNTO COM OS NEGROS
QUE SOMOS E PUSERAM PRA DORMIR...**

A poesia metamorfista como um despertador
Teria perdido a hora(?)
Não há espinhos no colchão!?
O carro passou ou foi a vida?
Sem perguntas, é preciso marchar...
Sob a tristeza da família,
Sob a saudade do que nunca tivemos,
Sob a terra que nunca pertenceu,
Sob lírios ornamentando os sofismas.
A identidade perdida nos livros,
A educação etnocêntrica gerando tesão e aceitação,
Então a porta é somente uma parte do pesadelo que
não se abre.
Sangrando as mãos, a arte metamorfoseada grita
“presente!”
Para o mundo institucional, e um menino vê a cena,
Futuramente ele gera um homem, e outro, e outro...

* LUIS ROGÉRIO Cosme Silva Santos nasceu em Jequié(BA), em 10/7/1970. Ex-aluno da UEFS, cursa Enfermagem na UESB. Faz parte do Grupo Cultural Metamorfista.

NÃO ESTÃO NASCENDO CRIANÇAS DESTES ÚTEROS...

São cabeças sem pernas, olhos magoados por espinhos.
São cães pervertidos pela pressa do consumismo que põe
O amor num frasco onde a luz não vê o feto.
E assim persiste este estado deplorável de viver sobre
A terra onde NASCER é um verbo de estranha e monstruosa
Conjugação.
Comam pílulas, malditas bocas sem defesa!
Bebam pílulas para que a vida não seja sufoco e
Arrependimentos!
Transem com as pílulas pré-estabelecidas, que é uma solu-
ção
Uniforme e homogênea, como algo que não mereça interro-
gação.
Não. É preciso que o poder ame o dominado.
Que o sistema ame o sistematizado,
Que o preso construa uma cadeia que o ponha na vida, e o
Proteja do analfabetismo espiritual instituído por um canibal
Esfomeado.

JOSÉ PLÍNIO DE OLIVEIRA*

E a mulher
veio nua pra sacada
mirar a rua
pulverizada d'espanto

* Natural de Biritinga Fazenda Gameleiro (BA), 14/11/1947. Estudante do último semestre do curso de Letras (UEFS). Professor do ensino de 2º grau. Tem trabalhos publicados em revistas e jornais.

CAMPO DO GADO

Aves trôpegas
engolem detergente
o assobio da manhã
encurrala a expansão do mundo
Campo do Gado
dois goles de aguardente
e tudo é lucro!
Duas arrobas de gratidão...

ÁGUA FRIA

Um rumor de luzes
invade o encontro.
Meu pranto escoia ácido
na placidez incômoda
da tarde do agreste.
Presto, o meu olhar
no luar fragmentado
que aflige o vilarejo.
E um lampejo de trem
cruza pela Barra...
Agarro um fio de nostalgia,
Água Fria é uma espécie
de mãe da minha história.
Agora também a amo
nos cabelos açotados de Cristina.
Acima deste amor
não há outro mistério
e eis que o trem de ferro
irrompe outra vez...
A quietude plástica,
a máscara da noite,
a estação da Barra devora.

Água Fria é um pequeno município da Bahia, entre Alagoinhas e Serrinha.

MARCUS*

REZA

Não te preocupas:

se minha causa é justa
se aquela saia é curta
se minha palavra é surda

Não te admiras:

se eu sair da tua trilha
se um vagabundo roubar-te a filha
se ao teu destino sobrepor-se a tua ira

A ti não interessa:

se na vida a sorte não tem pressa
se pra morte toda hora é essa
e se nesse instante Deus não ouvir a tua reza.

* MARCUS Galvão Coutinho nasceu na cidade de Ipiáú (BA), em 19/2/1969. Formado em Odontologia pela UEFS. Participou do Livro *A poesia da Universidade* referente ao I Concurso de Poesia dos Estudantes da UEFS (1989). Teve duas composições classificadas no Festival Universitário da Canção (Blumenau-SC, 1990).

INTRANSITIVO

Sou oculto num sujeito
neste pretérito imperfeito
Vôo sobre a minha cabeça
tento me encontrar
longe desta contradição
Às vezes me pego suicidando-me
e então me agarro a um sonho mais próximo
Um amor vagabundo em cama vadia,
um túnel, ao findar da luz
uma canção tola nas cordas do meu
violão.
Mas não se assuste se, ao final de tudo
eu rir da minha cara.

CONFISSÕES AO VENTO

Não será um cogumelo gigante
nem esse longínquo cheiro de pólvora
já foi e será a todo instante
eu vou morrer e nascer a toda hora

No teu olhar, em teus braços
nas tuas palavras nunca ditas
no teu amor, no teu encaço
no lado claro dessa tua vida

Eu morro e sobrevivo a cada instante
com lágrimas e sorrisos inteiros
neste primeiro encontro derradeiro
em passos curtos por caminhos distantes

No meu olhar, nos meus braços
nessas palavras sempre repetidas
neste amor elegantemente descalço
no lado claro desta minha vida

Não será um amor gigante
pois sendo amor não terá dimensão
será amor, amor simplesmente.

RAYMUNDO LUIZ LOPES*

NOTURNO

O silêncio - degredo e mistério
é estar numa janela, mãos no queixo.
Além, um movimento inalcançável
e, dentro de si, tempo submerso.

Nenhuma interrogação freqüenta a pedra,
nem a ilusão se expõe ao crepúsculo.
Em tudo, sentimento de sombra perpassa
o limbo, sem o rubor de um espetáculo.

Permanecer outonal num tácito segredo.
Nem sono, nem sonho, peito no deserto.
O encavar-se na rocha, sem espelho.

Na solidão do guarda-chuva,
sem saber dos lírios, da água da primavera,
anoitecer na beira do tempo.

* RAYMUNDO LUIZ de Oliveira LOPES, natural de Salvador (BA), reside, atualmente, em Feira de Santana (BA). Criador e Editor de *Sitientibus* é, ainda, Subgerente da Livraria Interuniversitária (PIDL). Prof. do Dep. de Educação e Instrutor de TAI CHI CHUAN. Tem vários trabalhos literários publicados em jornais, revista Hera e antologias.

CIRCUNSTÂNCIA III

Traças discutem:
se, no próximo encontro, servirão
tacos de panos ou trechos de poemas
em páginas amarelecidas.

POEMETO

Tocando-se o mármore
nada se vê, nada se ouve,
a não ser a fala
de um silêncio imóvel.

ROBERVAL PEREYR*

VIVENDO A FESTA - 2

Assisto à volta dos canibais
à cidade festiva e furiosa.
Lançados na manhã caçam vorazes
crianças moços machos idosos:

ninguém vê se vê finge dá as costas
e o bar cheio de homens puro álcool
fazendo ou desfazendo seus negócios
e os guardas da pm dizem ok.
Os canibais (comer!) comem se bastam
e depois retornam para casa
em bairros pobres ou mansões nefastas
com as panças repletas do remoroso
que a cidade destila e põe nas praças
para que os homens se amem, ou se destrocem.

* Roberval Alves Pereira nasceu em Feira de Santana (BA), onde reside. Diplomado em Letras pela UEFS, é hoje, Prof. do Dep. de Educação. Membro do Grupo Hera, tem vários trabalhos literários publicados.

NEGANDO A FESTA

O deus irado declama
retalhos do meu destino.

LEVE

Se de ti me desvio
por um fio de navalha,
se te traço um perfil
e afirmo: canalha!

- que acontece? No Rio
aparece um crítico
desses que nunca falham
e aí, já viu...

TRAJETO

Dirás que somente o coração.

Eu direi: não.

E porás a culpa toda em mim.

Eu direi: sim.

E todos concordarão.

Eu direi: não.

VALÉRIA COSME*

O CORPO SE TORNA A SAÍDA QUANDO A VIDA DÓI NA CARNE

Não é fazendo das tripas cordas
Que iremos segurar a fome.
A carne já fede debaixo dos ternos engomados.
A história registra os processos de manipulação.
E o cérebro fechado se abre.
Mostra ao olho ignorante
A hipocrisia dos simpáticos sorrisos.
A última "gota" no copo da acomodação transborda
E a revolução se faz.
No estômago o vazio contesta a hora
E a boca grita os palavrões.
O corpo mostra que já sabe falar:
Come a carne fedorenta
E a transforma em estrume,
Lambe as medíocres larvas do poder
Esterilizando a justiça.
O corpo ouve quando a carne dói.
Vê que não é fazendo da omissão rede
Que iremos dormir tranqüilos.

*VALÉRIA COSME Silva Santos nasceu em 20/6/1964, na cidade de Jequié (BA). Faz parte do Grupo Cultural Metamorfista. Reside em Feira de Santana. Aluna do Curso de Pedagogia (UEFS).

A ORAÇÃO QUE NÃO É PRA DEUS

... E buscou nas pontas dos meus dedos
O corpo inteiro.
Trouxe a alma.
Num abraço dos que se arriscam,
Fecundou a rotina,
Completo o sentido,
Denunciou o vazio.
E do outro lado da parede aprisionou o estático.
Conciliamos as diferenças.
Desmascaramos, no reflexo dos nossos espelhos,
A medíocre face da incerteza.
E caiu a última peça do vestuário...
Agora nus, as roupas são roupas
São passado
E o corpo, o primeiro e último segredo.
Assim, somos par
Que se busca sem limites e
Sem medo.

Entrelaçamos nossas almas
Por entre os fios de cabelo.
Construímos a vida
Com todo sim
Em cada não.
E se hoje somos um "nós"
Numa busca sem limites e sem fim
Que seja assim!!
Em nome do filho
Da filha e do amor
Amor amém.